

*Mulher,
Liberdade
e Vida*

Severina 150

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA



L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I Nº 4 Brasília, 8 de março de 1993

exercidas por outras pessoas, podendo citar, entre outras, Heculano Flores, Diogenes Pereira, José Damasceno; Que, quando vae ficando em tranze, isto é, quando della se vem apoderando esta especie de inervação de seu corpo e perda dos sentidos, vê, claramente, com os seus olhos abertos, uma varzea muito grande e limpa, onde pessoas do outro mundo se encontram chegando mesmo a verificar a presença, allí, de alguns conhecidos seus, já mortos, mas, nada ouve a não ser uma companhia que lhe sôa aos ouvidos, factos esses que são o prenuncio, como disse, do estado de torpôr ou mesmo de insensibilidade absoluta em que minutos depois, cahe e sob o qual dizem fallar ella em nome dos espiritos cousas de que, depois, em seu estado normal não tem ciencia; Que, de facto, tem sido procurada por varios doentes de molestias curaveis e incuraveis, na opinião dos medicos, mas que ella declarante não garante a nenhum delles a cura de suas molestias; Que esses doentes, apesar dessa sua declaração, se deixam ficar na "Lagôa" e por ocasião das conferencias della, declarante, pedem elles aos espiritos que ella encarna os remedios precisos para seus males, remedios esses que são receitados pelos espiritos escripta as receitas por Alfredo dos Santos que depois as entrega aos doentes; Que não é verdade o facto de dizer-se que a população da "Lagôa" a obedece cegamente, pois, se assim fosse, não teria ella desobedecido as suas ordens por ocasião da chegada do contingente da Força Publica que allí foi effectuar uma diligencia, que hoje sabe ser a da sua prisão e de outras pessoas; Que as primeiras casas de telha dosromeiros edificadas na "Lagôa" foram as de Alfredo dos Santos, Firmino e Antonio da Silva Moreira; Que as pessoas (p.52-A) que vê na varzea a que se referiu têm um todo diferente das da Terra, pois são, de ordinario, bastante alvas e trajam-se de modo diverso dos deste Mundo; Que não aconselhava o não pagamento de impostos, antes, esforçava-se para que todos os pagassem, estando mesmo resolvida a contribuir por aquelles que não o fizessem e para esse fim ja tinha em uma valize a importancia de um conto e quinhentos mil reis: que esse dinheiro obteve vendendo seus animaes que possuia por lhe os haver dado sua avô materna, venda essa que fez ao seu proprio pae, Benedicto Cypriano Gomes; Que estava na "Lagôa", quando lá chegou o contingente da Força Publica e que, por vezes, procurou dirigir-se, sozinha, ao encontro dos primeiros seis membros dessa Força, mas que o povo que se achava na Lagôa a obstou, sempre, de realizar esse seu intento, pois, sabia que a procuravam e deseja entregar-se, logo, a prisão; Que as pessoas a que

se referiu não só a impediam de ir ao encontro dos emissarios da Força, como ainda dispararam tiros contra esses mesmos emissarios, donde resultou a resistencia, digo, a acção da Força Publica, em virtude da qual vieram a morrer seu tio José Cypriano Gomes e José Belô da Silva e outros cujo nome ignora; Que entre os individuos que mais desejavam resistir à Força Legal, estavam Honorio Lemos, mais conhecido por Honorinho, Victor, Manuel Rosa e seu tio José Cypriano Gomes, sendo que deste ultimo chegou ella, declarante, a tomar o revolver que entregou a um velho, mas que José o retomou e lembra-se, tambem, de haver entre outros armas que tomou, tomando um revolver de Honorio Lemos, que queria oppor resistencia à Força, revolver esse que entregou à mulher de Joaquim dos Reis, não sabendo, porém, se Honorinho chegou a atirar contra a Força; Que houve um deffloramento na pessoa da menor Anna, filha de Antonio da Silva e de dezoito a dezenove annos de idade, na "Lagôa", dizendo o povo, em geral, que Jacyntho Cypriano Gomes, tio della, declarante, é o autor desse crime; Que não exigia presentes nem dinheiro de

pessoa alguma na "Lagôa", mas que, expontaneamente, alguem, às vezes, a apresentava com um corte de vestido ou outra causa e que na sua viagem para Goyaz o sr. Chico de Sá — coronel — lhe deu, em dinheiro, quinhentos mil reis, tambem expontaneamente (...) Em tempo — Que depois da noite em que presumi ter sido deshonestada por Manuel José Tores, vulgo Coxeadado, facto esse que ocorreu a uns dez dias, mais ou menos, não teve mais manifestação nenhuma daquelles phenomenos de que era possuida e não pode mais realizar suas conferencias e nem mais entrou naquelles tranzes (...) Em tempo — A declarante disse ainda que o facto a que acabou de se referir no tocante a sua virgindade, ocorreu quando ella estava dormindo e contra a sua vontade..." (p. 50-A a 53-B)

Destacamos dois momentos desse discurso de santa Dica de forma a corroborar um questionamento que iremos levantar.

Em determinado trecho de seu depoimento, santa Dica denuncia, com todas as palavras necessárias para se fazer compreender, ter sido vítima de um estupro. Que consequências traz essa revelação para o Processo?

Nenhuma, pois o estupro está na ordem desses discursos, como já apontamos anteriormente.

O discurso jurídico continua a construir-se como se essa denúncia jamais estivesse sido formulada. Ignora-se por completo sua existência. Com esse ato, **silencia-se** a fala de santa Dica, a respeito de uma violência da qual foi vítima. Entretanto, quando há denúncia de deffloramento na Corte dos Anjos, isto é utilizado como argumento contra ela.

Em outro trecho, santa Dica justifica a invasão de sua Comunidade pelas forças policiaes, afirmando ter sido impedida de se entregar à prisão por seus seguidores, corroborando a verdade oficial de que aquela teria sido uma "ordem perfeita". De novo perguntamos: qual a repercussão de sua fala? Mais uma vez constatamos: **nenhuma**. O

NOTAS

- (1) Processo nº 651, maço 9 — Cartório do Crime — Pirenópolis — Goiás.
- (2) A citação é de Tertulliano, um dos Doutores da Igreja e é encontrada em: *De cultu feminarum*, em *Corpus christianorum*, série latina, obras de Tertulliano, I, p. 343. Citado por: Jean Delumenau — op. cit — 316.
- (3) Gasté — *Michel Ménot: en quelle langue a-t-il prêché?*... Caen, 1879, p. 24 e 25. Citado por: Jean Delumenau — op. cit — p. 320/321.
- (4) Cf. Jen Delumenau — op. cit — p. 321.
- (5) Idem, *ibidem*, p. 323 (grifos nossos).

- (6) O autor da citação é Odon, Abade de Cluny e foi extraída de: Lefevre — *Historie mondiale de la femme*, II, Paris, 1966, p. 83. Citado por: Jean Delumeau — op. cit — p. 318.
- (7) Spitzmuller — *Poesie latine du Moyen Age (III-XV siècle)*, Paris, 1971, p. 617/621. Citado por: Jean Delumeau — op. cit — p. 326.
- (8) Cf. Michel Foucault — *A Arqueologia do Saber*, 3ª ed. RJ, Forense Universitária, 1987, p. 137.
- (9) As palavras são de Delumeau comentando trechos do *De planctu ecclesiae* — op. cit, p. 32.
- (10) Parent — Auber — *L'almanach des mysteres de l'amour conjugal et de l'hygiene du Mariage* — Paris, 1851, p. 38. Citado por: Thérèse Moreau — "A Megeira domada" in Nicole Czechowsky (org) — *A Fidelidade: um horizonte, uma troca, uma memória — Série Éticas* — Porto Alegre — L e PM, 1992, p. 39.
- (11) *Le dictionnaire des sciences médicales (1858)*, verbete "Continence". Citado por: Thérèse Moreau — op. cit — p. 40.
- (12) Sobre o discurso paranóico que buscou diabolizar a mulher, ver "Prefácio" de Carlos Amadeu Bynglon in: Sprenger e Kramer — *O Martelo das Feticheiras* — Malleus Maleficarum — RJ, Rosa dos Tempos, 1991.
- (13) Com relação à questão da locura feminina, conferir in: Mª Clementina Pereira da Cunha, "Loucura, Gênero Feminino: As Mulheres do Juquary na São Paulo do Lúcio do Século XX", in Mª Stela Martins Bresciane (org) — *Revista Brasileira de História — A Mulher no Espaço Público* — vol 9, nº 18, SP, ANPUH, Março Zero, 1989.
- (14) Cf. Michel Foucault — *História da Sexualidade — A vontade de saber* — vol. I, 9ª ed. RJ, Graal, 1988, p. 99.
- (15) Quanto a imagem da "mulher higiênica" conferir: Jurandir Freire Costa — *Ordem Médica e Norma Familiar* — 3ª ed. RJ, Graal, 1983.

* ELEONORA ZICARI BRITO é professora do CEUB e mestra em História pela Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: SQN 402, Bloco K, Ap. 302 — Brasília-DF.

Sede da Fazenda Babilônia, antigo Engenho de São Joaquim, fundada em 1600 e conhecida por todos os viajantes estrangeiros do Século XIX. Município de Pirenópolis-GO. Desenho de Fernando Madelra



Antigas fazendas do Planalto Central

LENA CASTELO BRANCO F. DE FREITAS

NANCY RIBEIRO DE ARAÚJO E SILVA

Em pesquisa que demandou mais de três mil quilômetros em viagens, as historiadoras resgatam os traços culturais e a tipologia de velhas fazendas do cerrado. Neste artigo enfatizam-se as fazendas do planalto brasileiro, entre elas a de Sobradinho e a fazenda Larginha em Planaltina-DF.

O projeto intitulado FAZENDAS GOIANAS ao qual se reporta o presente texto — teve início em 1987, com apoio da então Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e do CNPq. Tem por objetivos: contribuir para o conhecimento das fazendas antigas de Goiás e sua inserção no espaço geográfico e na paisagem local; resgatar a memória da arquitetura rural goiana e de suas técnicas construtivas; registrar a vida do homem na zona rural, bem como suas atividades econômicas e culturais, no período compreendido entre a "descoberta" das minas dos Goyazes (século XVIII) e a construção de Goiânia (ca. 1932).

A grande distância que separa Goiás do litoral, assim como as peculiaridades históricas do devassamento

zes utilizando-se de materiais nobres — como as madeiras-de-lei — e revelando-se dotada de natural engenhosidade.

Quanto à localização das sedes, predominavam às preocupações com a proximidade da água, com a segurança e com a salubridade, variando a posição das edificações segundo a topografia do terreno.

A maior ou menor facilidade de acesso a caminhos e estradas determinaria a possibilidade de intercâmbio regular com a cidade ou vila próxima.

Constatou-se serem extremamente rústicas as fazendas mais isoladas, nas quais inexistia a utilização de materiais industrializados, ainda que a nível elementar.

De igual modo, a observação *in loco* indicou influências das características regionais — de São Paulo ou de Minas Gerais — sobre os padrões arquitetônicos e a distribuição das diversas edificações, sempre de acordo com a procedência dos fundadores das fazendas.

Tipologia.

A partir de tais constatações, e tendo como pano de fundo a história regional, tornou-se possível esboçar uma tipologia preliminar das fazendas antigas de Goiás, a saber:

Quanto ao interesse histórico e documental, registram-se: a) Fazendas do ciclo do ouro, fundadas por bandeirantes paulistas e seus descendentes: documentam o período da ocupação e povoamento inicial da região. Desenvolviam atividades complementares da mineração, ou seja, agricultura e pecuária voltadas para o abastecimento das populações mineiras.

b) Fazendas da fase de transição, surgidas ao longo do século XIX e início do século XX: apresentam características específicas, conforme a procedência dos que as constituíram. São representativas das correntes migratórias que demandaram Goiás nesse período, quando a mineração deixou de ser a principal atividade econômica da região, sendo substituída pela agropecuária.

c) Fazendas que marcam o princípio do processo de modernização de Goiás. As casas-sede dessas fazendas evidenciam influência urbana e são de construção dita "moderna", datando dos anos 30.

d) Chácaras localizadas na periferia das cidades. Apresentam características arquitetônicas diversificadas, sendo algumas delas indicativas da predileção de determinados segmentos das elites urbanas por residências situadas nos arrabaldes das cidades, o que lhes assegurava melhores condições de salubridade.

Quanto à localização na paisagem e no ambiente natural, encontraram-se três tipos: as fazendas que se situam em região de matas e terras de cultura, voltadas



Paisagem rural -
Quadro a óleo
de Almeida
Júnior (Séc. XIX -
Museu Paulista)

para a agricultura e tendo a pecuária como atividade complementar; as Fazendas localizadas em campos e cerrados, com atividades predominantemente pastoris; e as chácaras existentes em áreas próximas das cidades, geralmente servidas por água abundante e solo humoso e fértil, com estilo de vida semi-urbano.

Quanto ao partido arquitetônico, localizaram-se dois tipos predominantes de casas-sede, quais sejam:

Alongada, com varanda posterior, semi-aberta, voltada para o quintal. Esse tipo predomina nas fazendas do século XVIII e início do XIX e inclui um quarto sem janelas, ou **quarto escuro**, situado no centro da edificação;

E Compacta, de dimensões acanhadas, erguida em terreno plano e apresentando distribuição irregular dos cômodos que dão acesso uns aos outros, sem áreas de circulação; típica de fazendas construídas por mineiros, no século XIX e princípios do século XX.

Do ponto de vista do estado de conservação que apresentam, as antigas fazendas visitadas agrupam-se em bem conservadas; razoavelmente conservadas; bem restauradas; em processo de degradação com casas-sede abandonadas.

Naquelas ainda habitadas, é elemento obrigatório o rego d'água; em algumas, também o monjolo, o forno de barro e o fogão de lenha. Menos frequente é o engenho de cana, com moendas de madeira movidas a tração animal ou a força hidráulica. Em uma única sede foi encontrado um engenho de serra. Em outras, um cruzeiro indicativo de fé cristã. Em uma terceira, um cemitério privativo, os rústicos túmulos cercados por muro de pedras brutas.

No Planalto Central foram identificados estabelecimentos rurais no Distrito Federal e em 4 municípios, a saber:

— Fazenda Sobradinho, na cidade satélite de Brasília, com o mesmo nome;

— Fazenda Paulista, em Luziânia;

— Fazenda Lagoa Bonita ou Larginha, em Planaltina.

— Fazendas Bonifácio, Mariquita em Jaraguá, onde foram visitadas também a fazenda Rio Vermelho e a chácara da rua das Flores.

— Fazenda Araras, em Formosa. Nesta cidade foi possível obter informações sobre a Fazenda Bom Sucesso, referida como expressiva, mas cuja sede já não mais existe.

A esse universo, some-se Fazenda Babilônia situada no município de Pirenópolis e estudada por uma das pesquisadoras, conforme livro publicado anteriormente (COSTA 1978).

O estudo preliminar dessas fazendas tornou possível classificá-las de acordo com a tipologia ensaiada, a saber:

a) Fazendas do ciclo do ouro — nessa primeira fase do projeto não foi possível visitar, na região do Planalto, fazenda que remontasse ao Século XVIII. As pesquisadoras foram informadas da existência da Fazenda Barreiro (município de Luziânia), fundada no Século XVIII, cujas terras foram loteadas, conservando-se a casa-sede antiga. De igual modo, a Fazenda Riacho Frio, no mesmo município, tem sua história vinculada aos bandeirantes. Deverão ser percorridas durante a execução da segunda fase do projeto.

b) Fazendas da fase de transição do ciclo de mineração para o de economia agropastoril: Sobradinho (Distrito Federal); Mariquita e Bonifácia (Jaraguá); Paulista (Luziânia); Araras (Formosa) e Babilônia (Pirenópolis).

Esta última apresenta a singularidade de ser estabelecimento rural voltado para a agricultura de exportação, com o cultivo do algodão, em larga escala.

c) Fazenda que testemunha o princípio do processo de modernização de Goiás: Lagoa Bonita (Planaltina). A Fazenda Rio Vermelho (Jaraguá) data dos anos 40 e apresenta traços de influência norte-americana, refugiando contudo a delimitação cronológica e histórica do presente trabalho.

d) Chácaras localizadas na periferia: Rua das Flores (Jaraguá), não estudada, porém, em razão das reformas nela efetuadas e a feição nitidamente urbana que hoje apresenta.

Todas as fazendas do Planalto Central, visitadas pelas pesquisadoras, situam-se em região de campos e cerrados, algumas apresentando remanescentes de mata grossa, bem como de matas ciliares.

Do ponto de vista do projeto arquitetônico das casas-sedes estudadas, foram encontrados exemplares do tipo alongado (influência paulista), nas fazendas Paulista e Babilônia; e do tipo compacto (influência mineira), nas fazendas Sobradinho, Mariquita, Bonifácio e Araras.

Como exemplar atípico, deve ser referida a Fazenda Lagoa Bonita (Planaltina), que reproduz elementos arquitetônicos e materiais construtivos empregados nas primeiras residências erguidas em Goiânia, ao tempo da mudança da Capital, contemporâneas da construção da casa-sede em questão.

Em linhas gerais, as fazendas percorridas tiveram (e têm), atividades mistas, de agricultura e de pecuária, com o predomínio de uma ou de outra. Do ponto de vista do estado de conservação, apresentam-se como

bem conservadas: Mariquita e Bonifácia (Jaraguá); e Lagoa Bonita (Planaltina); razoavelmente conservada a da Babilônia; bem restaurada: Sobradinho, em duas das suas sedes, como se verá a seguir; em processo de degradação a Fazenda Paulista (Luziânia); e com casa-sede abandonada a Fazenda Araras (Formosa).

A FAZENDA SOBRADINHO

Uma visita, ainda que breve, a essas fazendas antigas do Planalto Central, possibilitará conhecê-las melhor, em algumas das suas características. O acesso às mesmas raramente dá-se por estrada asfaltada. Mas é compensador enfrentar a poeira ou a lama dos velhos caminhos que têm nomes tão sugestivos: "estrada salineira", "estrada boiadeira"...

— Fazenda Sobradinho

— localizada na cidade-satélite do mesmo nome, pertenceu a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a venderam — ou tiveram parte das terras desapropriadas — quando da construção de Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros: há 3 casas bem próximas umas das outras, sendo que na sede, maior e mais antiga, residia o casal, morando os filhos casados nas demais.

Essas edificações localizam-se em um vale, na estrada que vai para a Fercal. É região muito irrigada, com córregos, regos d'água e minas que descem dos morros circundantes.

A terra é fértil, existindo nos quintais grande quantidade e variedade de frutas, com destaque para jabuticabeiras e mangueiras.

O nome da fazenda é explicado como sendo alusivo a um posto de compra do ouro que vinha das minas de Natividade, Crixás, etc. Esse posto ficaria em um sobrado de taipa, à margem do córrego também batizado por Sobradinho.

Outra versão informa que o primeiro dono da fazenda fez plantar um cruzeiro em suas terras e, em um dos braços da cruz, um joão-de-barro construiu um ninho duplo, um "sobradinho". Vale notar que em mapas antigos está assinalado o local denominado "Sobrado", nessa mesma região.

Na fazenda predominavam atividades de pecuária extensiva. Ao lado da casa-sede erguiam-se edificações que abrigavam alojamentos para tropeiros, quartos que eram alugados, uma vez que a "estrada salineira" passava no espigão no morro que se ergue em frente.

Foi possível encontrar vestígios de muros de adobe que indicam o local onde se ergueriam, possivelmente, tais alojamentos.

A Fazenda Sobradinho era auto-suficiente, produzindo todo o necessário para o consumo, com exceção do sal e do trigo. As mulheres fiavam a lã e o algodão produzidos no local, para a con-

fecção de roupas, segundo relata a atual proprietária de uma das frações em que se dividiu a gleba.

Vindo para Brasília nos primeiros anos da Nova Capital, informa ela que as terras que adquiriu diretamente dos antigos donos têm titulação muito antiga inclusive registro paroquial. Lembra-se de que, algum tempo depois da inauguração de Brasília, ainda havia onças na região, e se refere à existência do Brejo do Lobo, em local próximo, onde viviam lobos-guarás.

Moradores da região gostam de contar que a Coluna Prestes esteve na Fazenda Sobradinho, quando requisiou todos os cavalos. Os soldados sangravam os animais cansados em que viajavam, para que não servissem aos legalistas que os perseguiram. Consta que ainda é possível encontrar balas de rifles, em diferentes pontos da fazenda.

A área em que se localizava a sede foi vendida em 1962, e revendida posteriormente, em parte, para um diplomata, que a mantém como chácara de lazer.

Das informações colhidas

Deve ser lembrado, outrossim, o **banco dos mortos**: um banco tosco e de assento mais largo do que o comum, que ficava à porta da casa. Quando morria alguém da família, era colocado sobre o banco, para ser velado.

Da velha casa, resta o "tacho de banho", usado por gerações da família. É uma bacia de cobre, com cerca de 80cm. de diâmetro, com friso trabalhado na borda.

Próximo à casa-sede, havia um palheiro onde viviam três "bobos" (mentecaptos), os quais eram cuidados pelos parentes. Os casamentos consanguíneos repetiram-se em sucessivas gerações, o que teria provocado muitos casos de retardamento mental.

Com o desmembramento da gleba em três lotes, os proprietários resolveram vendê-los, a fim de mudarem-se para a cidade.

Um deles fixou-se em Planaltina, em cujos arredores comprou uma pequena área e ali vive do cultivo da terra.

O segundo adquiriu uma casa em Planaltina e conservou parte das terras, nas quais tem enfrentado pro-

acréscimo de churrasqueira, vestiários e outras comodidades próprias de chácara de lazer. Como elemento decorativo, ao lado da casa há, efetivamente, um antigo engenho de madeira, sob uma cobertura de sapê. Pertenceu aos ex-donos da área contígua, que era parte da fazenda Sobradinho.

Hoje desapropriada, foi arrendada pela Fundação Zobotânica sendo também utilizada como chácara de lazer, inclusive com a construção de nova sede. A velha casa, pequena e simples, estava mal conservada e bastante estragada, servindo de moradia para empregados, quando da visita das pesquisadoras.

A terceira das casas antigas existentes em terras da fazenda Sobradinho pertence a um empresário de Brasília, que possui 127 ha. de terras e cria cavalos mangalarga em um haras. Informa ele que a data da construção da casa é 1886. Nela não se fizeram quaisquer reformas ou acréscimos, mantendo-se, em sua maior parte, os materiais e técnicas construtivas originais.

De dimensões modestas,

dinheiro e às três casas que serviram de moradia aos antigos proprietários suscita algumas questões interessantes. Dentre outras, avulta o impacto da construção de Brasília sobre a cultura e o **modus vivendi** das populações radicadas no Planalto Central.

Tem sido afirmado, como verdade inquestionável, que a transferência da Capital para o Centro-Oeste resultou em progresso e melhoria das condições de vida dos habitantes dessa região. Quanto ao progresso entendido este como adensamento da população, urbanização e melhoria da infra-estrutura de energia, comunicações e vias de transporte — não há como negar que o advento de Brasília mudou substancialmente a economia, a paisagem humana e o ambiente natural do Planalto.

Do ponto de vista das melhorias de condições de vida, também é verdade que, vencidos o isolamento e a indiferença governamentais, foram colocados ao alcance dos habitantes da região oportunidades de educação, de saúde e de trabalho até então inexistentes.

Há a considerar, todavia, que dada a própria fragilidade da cultura e das mentalidades, cristalizadas no tradicionalismo e na inércia, muitos não atinaram sequer para a existência dessas oportunidades.

Aos construtores da Nova Capital terá faltado sensibilidade para perceber e equacionar o drama dessas pessoas que, inseridas em uma cultura agrária e despojadas de informações mínimas, viram-se engolfadas pela dinâmica do capitalismo e da especulação imobiliária.

O caso dos descendentes do fundador da fazenda Sobradinho é exemplar: os três irmãos tiveram suas terras desapropriadas ou as venderam — talvez premidos pelo receio de as perderem inteiramente — na esperança de mudarem-se para a cidade e assim "melhorarem de vida".

Os conhecimentos e a bagagem cultural que lhes permitiam satisfazer suas necessidades mínimas no meio rural, como proprietário e fazendeiros, pouco ou nada significavam no meio urbano e sofisticado da Nova Capital.

Um deles tornou-se sitiante em Planaltina, com **status** social inferior e em igual ou pior situação financeira. Seus filhos pouco avançaram, em termos educacionais, já que um deles é varredor de rua e o outro emprega-se como peão de chácara em terras que pertenceram aos seus antepassados.

O segundo dos irmãos adquiriu casa na cidade-satélite de Sobradinho e, certamente pensando em beneficiar-se da valorização das terras, conservou parte destas. Foram as mesmas invadidas por posseiros: em 1988, decidira vendê-las para, com o dinheiro apurado, pagar honorários de advogados.

O último já não possui ter-

ras e vive com a mulher em situação de dependência em relação ao genro, um dos numeríssimos imigrantes nordestinos que afluíram para Brasília. Estabeleceu-se ele com uma firma de pneus inicialmente modesta, mas que adquiriu porte razoável, permitindo-lhe comprar imóveis e outros bens. Assim, terá sido por vias indiretas — ou seja, através do casamento de uma das filhas — que o casal de ex-fazendeiros logrou alcançar melhores condições de vida, à custa do sacrifício da independência econômica.

Como ponto positivo, deve-se destacar a formatura de um dos seus filhos como economista, o que lhe terá possibilitado melhor inserir-se no meio urbano de Brasília.

De outra parte, vale refletir sobre a destinação da casa da fazenda Sobradinho I para o lazer; da Sobradinho II para escritório de empresas e da Sobradinho III para moradia de empregados. Não se questiona a utilização das mesmas, até porque, se fechadas e abandonadas, certamente se arruinariam. Constata-se todavia, no primeiro caso, a reforma e descaracterização parcial da edificação e, no último, o desinteresse e conseqüente degradação.

Constuindo-se em exemplares centenários remanescentes da cultura agrária anterior à construção de Brasília, casas-sedes desse tipo deveriam ser alvo de uma política que valorizasse o esforço preservacionista, inclusive com orientação e assistência técnica adequadas.

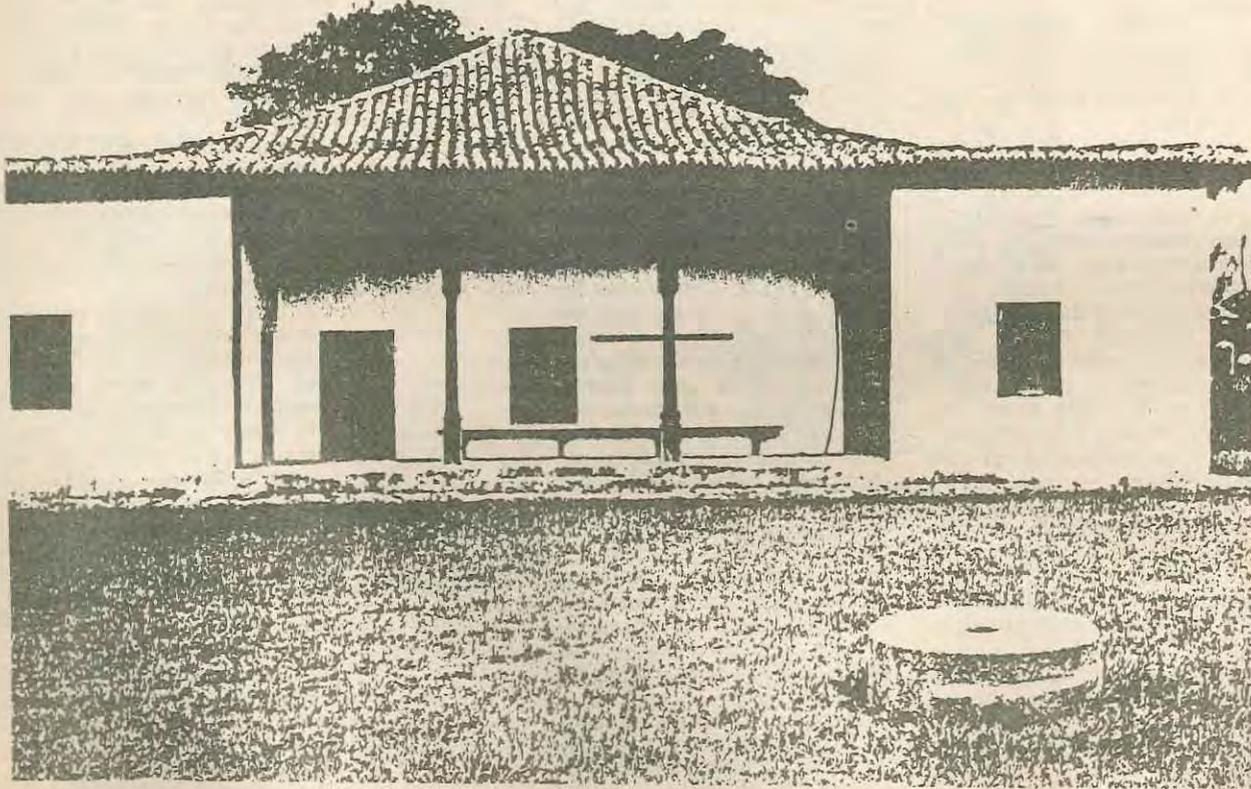
Mecanismo de incentivo à preservação e restauração de bens culturais deveriam premiar os proprietários que, como no caso da Sobradinho II, cuidasse de manter e valorizar as características arquitetônicas das edificações. Bem como a paisagem natural e a cobertura vegetal do seu entorno.

Nesse sentido, a Fundação Cultural do Distrito Federal poderia atuar de maneira paradigmática, até como ressarcimento dos danos inevitáveis, certamente advindos para os antigos habitantes da região, do ponto de vista do impacto cultural e social provocado pela transferência da Capital para o Planalto Central.

A FAZENDA PAULISTA EM LUZIÂNIA

— Fazenda Paulista — localizada no município de Luziânia, a 32 Km da cidade que é um dos mais antigos núcleos urbanos de Goiás, figurando nas descrições de viajantes e cronistas, bem como nas cartas e mapas antigos.

A fazenda foi fundada em 1850, aproximadamente, pelo avô dos atuais proprietários, quatro irmãos solteiros, de idade avançada. Compreende 200 alqueires goianos, ou seja, 968 hectares. Situa-se em região fértil, com terras de cultura banhadas por três córregos. O proprietário não soube — ou



junto aos atuais proprietários de frações da gleba original, sabe-se que os antigos donos eram extremamente pobres. A casa-sede tinha paredes de taipa e adobes, sendo o forro da palmeira buriti.

No centro da edificação, do tipo compacto e de influência mineira, havia **quarto escuro** — "sem barulho, sem mosquito e sem claridade". Esse cômodo foi eliminado quando da primeira reforma feita no imóvel, ocasião em que foram também colocadas, entre a sala e a varanda, gelosias trazidas de Paracatu.

O mobiliário era rústico. Havia uma tulha de madeira no **puxado**, para guarda de cereais; de dimensões avantajadas, comportaria três adultos.

blemas com posseiros. Dos seus dois filhos, um é empregado da Prefeitura, como varredor de ruas, usando o uniforme da categoria. O outro trabalha como peão em uma chácara situada em terras da antiga fazenda Sobradinho. "Cheio de susceptibilidades, o que é natural", informa sua empregadora.

O último dos herdeiros e sua mulher desfizeram-se das terras e foram residir na cidade-satélite de Sobradinho. Um dos seus filhos é formado em Economia. Uma filha casou-se com um comerciante próspero; a outra mora com os pais, em depósito de material de construção.

A antiga sede chama-se, atualmente, Moenda Velha. Foi restaurada e, em boa parte descaracterizada, com

tem 5 cômodos; o estado de conservação é excelente. A cobertura é de telhas-canal, autênticas; as paredes são em adobes e tijolos. O forro é de esteiras de buriti. Portas e janelas são cegas, em madeira, com folha única e pintadas de azul. No piso, as tábuas corridas foram substituídas por cerâmica.

Há rego d'água no quintal, que é magnífico, com 160 jabuticabeiras, mangueiras, jameiros, jenipapeiros, laranjeiras e outras árvores frutíferas de grande porte e beleza. O atual proprietário mora no local e ergueu, em área próxima, uma bela casa rústica às margens de uma represa. A sede antiga foi reservada para servir de escritório de suas diversas empresas.

A visita à fazenda Sobra-

Exemplo típico da casa da fazenda dita paulista ou bandolista. Sítio do Padre Inácio, Cotia, SP - Século XVI

não julgou interessante informar sobre a origem da gleba.

O nome — Paulista — refere-se à naturalidade de um empregado que trabalhou para o pai dos proprietários, durante muito anos.

As atividades desenvolvidas privilegiavam a agricultura e a pecuária extensivas. A auto-suficiência da fazenda completava-se no cultivo da cana-de-açúcar, com o fabrico de rapadura e açúcar de forma.

A sede, erguida em uma clareira ampla, delimitada por matas, compreende seis edificações: casa de morada; paiol; chiqueiro; casa das fomalhas de sabão; engenho e conjunto de fomalhas e tachas de açúcar; casa de hóspedes. Havia também um monjolo, abandonado e substituído por triturador a gasolina.

A casa-sede é ampla, do tipo alongado (influência paulista) com varanda voltada para um pátio interno, separado do pomar por muro de pedras frias. Compreende seis quartos de dormir e um "quarto escuro", sem portas, com uma única porta de acesso através da varanda.

As explicações obtidas sobre a utilização desse quarto indicam que o mesmo destinava-se à guarda de valores da família, sendo ocupado, via de regra, pelo casal de proprietários da fazenda. Uma segunda versão diz que era habitado pelas donzela da casa; outros informam ser esse cômodo reservado para as mulheres paridas e seus filhos recém-nascidos. Atualmente, destina-se à guarda de arreios e tralhas diversas.

Fizeram-se alguns acréscimos e modificações na planta original da casa-sede: a cozinha, com fogão de lenha, foi transferida para o lado da antiga despensa, substituindo-se o piso de terra batida por tijolos reuntados com cimento. Ao lado, construiu-se uma cobertura para fomalhas onde se ferve a água destinada à limpeza dos porcos abatidos, bem como ao apuro do picinho para obtenção da banha (gordura).

A varanda de jantar intergala-se com a copa; nesta, uma das janelas abre-se para um grande jirau, à altura do peitoral, no qual são colocados pratos, panelas e outros utensílios para secar.

As edificações primitivas foram erguidas com adobes e taipa de pilão ou sopapo. São muito rústicas, com esquadros e baldrames de aroeira, vigas e fibros de madeira roliça e aparelhados, portas e janelas cegas, de folha única, maciças, pintadas de branco, com dobradiças de ferro batido.

No engenho há moendas de madeira (deterioradas) e vertiam o caldo da cana em canaletas, igualmente de madeira. Estas convergiam para a casa das fomalhas e tachas, localizadas "na reixa", onde se processava a rapadura, em madeira

maciça, sobre suportes feitos com adobes. O engenho é do tipo **almanjarra**, tocado por bois, semelhantes a ilustrações do século XVII, reproduzidas por Franginals, em sua obra clássica (FRAGINALS, 1987).

O mobiliário é extremamente tosco, ao que parece feito na própria fazenda, por artesãos locais: catres que têm como estrado tiras de couro trançadas, sobre as quais estendem-se colchões de palha de milho; enormes tulhas para guardar cereais; mesas de madeira maciça, com gavetas de fechadura; armário embutido na varanda; banca de fazer queijo; banco de potes para água, etc. Na cozinha, há panelas de ferro, tachos de cobre, canecos de alumínio e outros utensílios típicos do meio rural.

O pomar contém grande número de fruteiras variadas, algumas centenárias. Nele, corre um rego d'água, que passa pelo engenho de cana e pelos vestígios do antigo monjolo para, em seguida, servir à casa-sede.

A iluminação ainda é feita com lamparina de querosene e um aladim, motivo de

estilo de vida, no meio rural goiano, pouco diferida daquele predominante ao longo do século XIX, como evidenciam os equipamentos, mobiliário e utensílios existentes na Paulista.

Fazenda Lagoa Bonita, em Planaltina

Fazenda Lagoa Bonita — está situada no município de Planaltina, em região de cerrado típico do Planalto Central, com altitude elevada. Localiza-se nas proximidades da reserva natural de Águas Emendadas, onde se encontram nascentes de cursos d'água que integram as três maiores bacias hidrográficas brasileiras: a Amazônica, a do Prata e a do São Francisco, representadas por diversos rios e ribeirões que a intercorrem. A fazenda está próxima da BR-020, que segue de Brasília para Formosa (GO) e Barreiras (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimarães em 1929/1930. São glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

criação de gado e Formosa tornou-se em entreposto de venda para os mercados do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. A região é ponto de confluência entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larginha sempre foi a criação de gado vacum e cavalos. Ali foram introduzidos o gado zebu e cavalos de raça, sendo das primeiras fazendas goianas a fazê-lo. Atualmente, desenvolve pecuária de leite, em pequena escala.

A paisagem da região é típica do cerrado. No entorno da casa-sede há árvores frondosas (figos) provenientes de mudas que foram doadas ao proprietário pelo Diretor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimarães, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

ção de rádio na Larginha. A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais conforto do que nas casas da cidade.

A sede da Larginha foi construída aproximadamente em 1934. Compreende a casa-sede, paiol, curral, silos e casa de caseiro. A casa-sede denota influência francesa, assemelhando-se a fachada às dos pequenos **chalets**, erguidos nas ruas 19 e 20, quando da construção de Goiânia. O telhado é movimentado; apresenta cobertura de telhas de barro, do tipo canal, que substituíram as primitivas, de fabricação artesanal, maiores do que as atuais.

O projeto arquitetônico da casa-sede é tipicamente urbano. Todos os cômodos são pequenos, se comparados aos padrões vigentes na maioria das fazendas goianas. A sala da frente servia de sala de espera; no compartimento contíguo funcionava o consultório médico.

A casa-sede da fazenda Larginha (Lagoa Bonita) é exemplar de uma fase de transição entre o tradicional e o moderno. Foge aos padrões regionais — a casa, pequena, tem confortos que somente algumas décadas depois chegariam às pequenas cidades de Goiás. De outra parte, a associação do exercício de profissão liberal com a política e com as atividades rurais merece ser estudada, pois irá generalizar-se em Goiás, a partir das décadas de 40 e 50.

O partido arquitetônico da casa-sede é tipicamente urbano. Todos os cômodos são pequenos, se comparados aos padrões vigentes na maioria das fazendas goianas. A sala da frente servia de sala de espera; no compartimento contíguo funcionava o consultório médico.

As paredes são de alvenaria de tijolos. A sala e os quartos têm tábuas corridas, em duas tonalidades, produzindo um belo efeito. Portas e janelas (venezianas) têm folhas duplas e receberam pintura na cor **grenat**. Há vitraux no banheiro e na cozinha.

Na cozinha, há uma barra lisa, com pintura a óleo; junto a uma das paredes, vê-se um fogão caipira, de modelo mais elaborado do que a usual, com forno e chaminé. Sobre o mesmo, uma serpentina com encanamento para água quente. Ao ser construída, a sede dispunha de energia elétrica, proveniente de gerador, e água encanada, canalizada de nascente próxima.

* A prof^a Lena Castelo Branco F. de Freitas é doutora em História Social pela USP. A prof^a Nancy Ribeiro de Araújo e Silva é mestra em História e professora da UFG. Endereço para correspondência: SQN 306, Bloco J, Ap. 404. 70.742-100 — Brasília-DF.



Engenho de Mandioca. Quadro a óleo de M. Brocos (Séc. XIX - Museu Nacional de Belas Artes)

orgulho de um dos moradores que o exibiu às pesquisadoras. Em todo o conjunto ficam evidentes as dificuldades enfrentadas pelos proprietários que vivem inteiramente isolados do meio urbano, imunes a quaisquer inovações. Somente o mais velho dos irmãos vai esporadicamente a Luziânia, não deixando de fazê-lo por ocasião de eleições, quando cumpre convictamente seu dever cívico.

A fazenda Paulista é exemplar expressivo de estabelecimento pioneiro, que se manteve íntegro até meados do presente século. Com o envelhecimento de seus proprietários e, igualmente, com a marginalização destes no processo modernizador desencadeado por Brasília, a fazenda encontra-se em vias de arruinamento. É interessante registrar que até os anos 50 o

nos possuem toda a cadeia dominial.

A propriedade é mais conhecida pela nome de Larginha do Dr. Hosannah. Larga é uma área plana, delimitada por acidentes naturais; no caso, não sendo muito extensa, prevaleceu a denominação Larginha. Tem como divisas os córregos Fumal, Monteiro, Mestre d'Armas e a reserva de Águas Emendadas.

Originalmente, a Larginha compreendia 300 alqueires goianos, ou seja, mil 452 hectares. Foi dividida entre os quatro filhos dos primeiros proprietários; a sede pertence atualmente às duas filhas do casal.

Planaltina situa-se próxima a Formosa, a antiga vila Formosa dos Couros, que cresceu da desativação das minas de Cavalcante e Natividade. Ali se desenvolveu desde os primeiros tempos a

rante o Estado Novo, como elemento de conciliação entre famílias rivais, exercendo o cargo de Intendente (Prefeito) de Planaltina. Em 1946, foi eleito Vice-Governador de Goiás, na chapa de Coimbra Bueno. Quando este licenciou-se para disputar o Senado, assumiu o Governo do Estado.

Em 1948 — quando era Vice-Governador — o Dr. Hosannah teve como hóspede, na Larginha, a Comissão comandada pelo general Poli Coelho, que veio ao Planalto Central com o objetivo de estudar a melhor localização para a futura Capital: se em Paracatu, se em Araguari, ou se na região demarcada pelo Quadrilátero Cruis, nas proximidades de Planaltina.

Para receber a Comissão, foi construída uma pista de aterrissagem próxima à cidade e instalada uma esta-